# Uma teoria da mente - 17/09/2024

\_Detalha um pouco mais uma teoria da mente cujo nível mais abstrato é o  
intencional\_  
  
Nas ciências e na filosofia tem-se o hábito da análise por meio de teorias.  
Dessa forma, os problemas são nela enquadrados e elas se propõem frutíferas,  
até que sejam superadas. Sobre isso Kuhn muito falou[i]. Entretanto, a teoria  
que usamos em determinada situação é um óculo que ao mesmo tempo amplifica  
nossa visão e impede que vejamos ao largo. Mais ainda, uma teoria é uma base  
através do qual se constroem muitos edifícios e, quando passamos a habitar um  
deles, esquecemos de sua fundação. Mas não importa, desde que útil e  
conveniente.  
  
Ilustremos: quando Dennett faz uma divisão em três níveis de explicação dos  
processos que descrevem organismos ou aparatos complexos, ele permite uma  
análise interessante, mas isso não significa que não haja outros pontos de  
vista relevantes. Mas, o caso aqui é a sua análise, é ela que vamos  
esquematizar com Teixeira[ii].  
  
São eles: o físico, o do design ou planejamento e o intencional. Visam  
explicar comportamentos de organismos / dispositivos complexos. O primeiro é o  
da aplicação das leis da natureza cujo número de variáveis não é abarcado por  
método conhecido por ser muito grande. O segundo é da descrição da arquitetura  
e encaixe de peças que permitem o seu funcionamento. Por fim, o terceiro trata  
do sistema que atribui a ele racionalidade, predicados mentais.  
  
Conforme já dito, o uso de termos psicológicos é uma estratégia eficiente já  
que permite predizer comportamentos, independentemente da base ontológica  
desses termos e ainda nos livra de explicações físicas ou do seu projeto de  
concepção. Assim, a predição do comportamento de um computador que joga xadrez  
pela perspectiva intencional assume que ele tem “desejo” de ganhar e que  
“conhece” as regras do jogo.  
  
Entretanto, não se pode eliminar a psicologia popular como desejavam alguns  
materialistas e assume-se nossa ignorância perante a complexidade de alguns  
sistemas[iii]. Uma vez assumida uma perspectiva intencional para a previsão de  
comportamento, por mais que certos sistemas sejam acessíveis a uma descrição  
que chegue ao nível físico, ainda assim se mantem a versão mais abstrata dada  
sua capacidade de sistematização[iv].  
  
De toda sorte, para Dennett seria impossível a redução do intencional ao  
físico (ou do intensional ao extensional). Mesmo que haja uma área no cérebro  
que cintile quando ocorre determinada crença, não há garantia de tradução  
inequívoca do vocabulário psicológico ao neurológico. Ora, por mais que se  
possa atribuir crenças ou intenções a um robô, isso não significa que haja um  
determinado substrato físico. Essa é a tese funcionalista que prosperou nos  
anos 70 incentivando a possibilidade da inteligência artificial independente  
de um substrato biológico.  
  
Como em um jogo de xadrez que independe do material do qual são feitas as  
peças, há o jogo, as regras que não se reduzem ao substrato. Assim também a  
mente não se reduz ao cérebro embora “esteja” nele[v]. Além disso, o  
funcionalismo é não reducionista, conforme explica Teixeira, já que não se  
pode saber que música está sendo tocada somente observando o funcionamento das  
peças do rádio. Há, também, a tese da múltipla instanciação: dois rádios  
diferentes podem tocar a mesma música e dois rádios idênticos podem tocar  
músicas diferentes. Essa é uma analogia para a teoria da identidade cérebro  
mente chamada token-token e que será estudada adiante.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] “O expoente é Kuhn com o “paradigma”, quer dizer, as crenças e valores dos  
cientistas e o modelo de sua atividade ficam vigentes enquanto tratam dos  
problemas de determinada visão de mundo, até que entram em crise e uma  
revolução estabelece um novo paradigma. Nesse sentido, mais do que uma  
acomodação aos fatos do mundo, vale resolver os problemas.” – Citação de  
Introdução panorâmica à filosofia e sociologia da ciência do século XX –  
quinto parágrafo. <https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2021/02/introducao-  
panoramica-filosofia-e.html>.  
  
[ii] Conforme páginas 43 a 50: \_A mente segundo Dennett\_ , de, João de  
Fernandes Teixeira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.  
  
[iii] Seria o caso de que isso se contrapõe a uma visão de autonomia  
tecnológica? Conforme  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2021/08/democracia-tecnologica.html>.  
  
[iv] Nem se cai nas teses behavioristas de tratar aprendizado por reforço –  
comportamento determinado pelo ambiente.  
  
[v] A mente pode estar corporificada: tese enativista.